

O papel da grande propriedade no agronegócio brasileiro

O. Balbinotti F^{o1}; A.C. Roessing²

Caracterização da grande propriedade rural

A caracterização de uma grande propriedade rural não é simples e frequentemente polêmica. Depende de inúmeros fatores, mas principalmente da exploração existente na mesma. Enquanto uma propriedade produtora de grãos de 200 ha possa se classificar como "pequena", se na mesma for produzido batata inglesa ela pode se classificar como grande propriedade. Dessa forma, percebe-se que o tamanho da propriedade pode estar ligado não só à extensão territorial, mas ao valor da produção.

Outro fator importante na classificação da propriedade agrícola por tamanho é a estrutura fundiária da região onde se encontra. Assim uma propriedade de 200 ha em Santa Catarina pode ser considerada grande, ao passo que no Mato Grosso pode ser chamada de "sítio", caracterizando uma propriedade bem pequena.

Em todo caso, como o tema se concentra na produção de soja, a classificação deverá seguir mais a extensão da área e a localização em relação à estrutura fundiária do que o valor da produção.

Infelizmente, os dados oficiais mais recentes sobre estrutura fundiária brasileira são de 1996, originários do último censo agropecuário realizado pelo IBGE. Dessa forma, terão que ser utilizados dados defasados para caracterização da participação de diferentes grupos de propriedades na produção brasileira de soja de acordo com seu tamanho.

A partir dos dados censitários de 1996, observa-se que o produtor médio de soja ocupou uma área de 38,02 ha e produziu 88,84 toneladas de grãos, equivalente a uma produtividade de 2337 kg/ha (Tabela 1).

Com relação à situação de posse da terra dedicada à soja nota-se, com os dados do censo de 1996 que:

- a) Os proprietários representaram 82,2% dos produtores de soja, produzindo 84,8% da safra total, ocupando 84,5% da área total destinada à cultura. Os dados permitem observar que o volume produzido, em média, pelo produtor proprietário da terra é de 91,6 toneladas, muito próximo da média do conjunto dos produtores. A produtividade média obtida pelos proprietários era de 2.296 kg/ha, que também não diferia muito da obtida pelo conjunto dos produtores;
- b) Os arrendatários representaram 8,6% dos produtores, sendo que produziram 12,1% da soja, observando-se que o volume médio produzido foi de 124,06 toneladas, 35% a mais do que o obtido pelo produtor médio. De certa forma, essa observação é lógica, já que o objetivo do arrendamento é justamente aumentar a disponibilidade de terra para a exploração agrícola. A produtividade do produtor arrendatário era de 2.304 kg/ha, o que não diferia muito da média, indicando que a tecnologia utilizada era mais ou menos a mesma;
- c) Os parceiros representaram 5,70% dos produtores, mas sua produção atinge apenas 2,13% da produção total, o que corresponde à observação de que o tamanho médio da

¹ Eng. Agrônomo, Presidente da Sementes Adriana, Rua Rio Branco 286, 78700-180, Rondonópolis, MT; odílio@sementesadriana.com.br

² Eng. Agrônomo, Doutor, Pesquisador da Embrapa Soja, Caixa Postal 231, 86001-970, Londrina, PR; acr@cnpso.embrapa.br

Tabela 1. Produção de soja no Brasil segundo a área e condição do produtor.

	Informantes	Produção t	Área ha	Produção média t	Área média ha
Totais	242.998	21.588.193	9.240.289	88,84	38,02
..... Condição do produtor					
Proprietários	199.884	18.309.949	7.814.314	91,60	39,09
Arrendatários	21.101	2.617.882	1.136.301	124,06	53,85
Parceiros	13.839	460.868	201.002	33,30	14,52
Ocupantes	8.174	199.494	88.672	24,41	10,84
..... Grupos de área					
Menos de 10 ha	57.203	356.726	195.068	6,24	3,41
10 a -100	157.147	5.059.819	2.337.097	32,20	14,87
100 a -1.000	24.713	8.602.393	3.759.820	348,09	152,14
1.000 -10.000	3.774	6.656.601	2.809.816	1.763,81	744,52
Mais de 10.000	153	912.441	386.171	5.963,67	2.523,99
Não informado	8	213	96	26,62	12,00

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário do Brasil de 1995/96.

área do produtor parceiro está bem abaixo da média geral. A produção média individual era de 33,30 toneladas. A produtividade obtida pelos parceiros era igual a produtividade obtida pelo proprietário e pelo arrendatário, ou seja, 2.293 kg/ha, indicando o uso da mesma tecnologia;

- d) Os ocupantes representaram 3,3% dos produtores de soja, gerando apenas 0,90% do volume colhido. Cada produtor ocupante contribuiu em média com um volume menor que a média geral, já que a produção individual do grupo foi de 24,41 toneladas. A produtividade obtida por esse grupo de produtores foi um pouco mais baixa, com 2.252 kg/ha.

Observa-se, com base nos dados anteriores, que o maior ganho na produtividade por hectare de soja ocorre dos dois primeiros estratos para o estrato com área entre 100 e 1.000 ha. A partir dos 1.000 ha o efeito do aumento da área da propriedade sobre a produtividade é pequeno. O impacto positivo da área sobre a produtividade deve ser o resultado de um aumento do nível de tecnologia utilizado, diretamente proporcional ao aumento da área da propriedade, obviamente até determinado tamanho, a partir do qual não existem diferenças no emprego de

tecnologia. Pode-se supor que as diferenças entre o nível tecnológico empregado em propriedades de 1.000 ha e 10.000 ha sejam mínimas, porém, as mesmas diferenças entre propriedades de 10 ha e 100 ha devem ser significativas.

Em relação à área trabalhada pelos produtores de soja nas diversas Unidades da Federação, de acordo com o censo, observa-se pela Tabela 2 que:

- a) No Rio Grande do Sul e no Paraná, os produtores que trabalhavam áreas menores que 100 ha representavam quase 50% da área cultivada com soja. Os produtores que trabalhavam áreas entre 100 ha e 1.000 ha representavam 40% da área total cultivada no Rio Grande do Sul e 44% no Paraná. Os produtores com mais de 1.000 ha representavam 10% e 8% da área cultivada, no Rio Grande do Sul e Paraná, respectivamente. No entanto, a produção nas áreas acima de 100 ha, em ambos os estados, representava 54% do total e a produção das áreas abaixo de 100 ha, 46%;
- b) No Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, a área cultivada por produtores de menos de 100 ha representava uma parcela muito reduzida da área total, sendo 0,3% no

Tabela 2. Área cultivada com soja, segundo grupos de área total dos estabelecimentos nos estados de maior produção-1995/96 (mil ha).

Grupos de área	Brasil	RS	PR	MT	MS	GO	Outros
0-10ha	195	112	72	1	3	-	7
11-100ha	2168	1070	1002	4	47	26	19
101-1000ha	3759	977	1007	383	332	392	668
1001-10000ha	2810	244	182	1122	315	429	518
+ 10000ha	383	-	5	230	50	16	83
Sem dados	1	-	-	-	-	-	-
Total	9316	2403	2268	1170	747	863	1295
..... Em termos percentuais							
0-10ha	2,09	4,67	3,17	0,06	0,40	-	0,54
11-100ha	23,27	44,53	44,18	0,23	6,29	3,02	1,47
101-1000ha	40,35	40,66	44,40	22,01	44,44	45,42	51,58
1001-10000ha	30,16	10,14	8,02	64,48	42,18	49,71	40,00
+ 10000ha	4,12	-	0,23	13,22	6,69	1,85	6,41
Sem dados	0,01	-	-	-	-	-	-
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: IBGE - Censo agropecuário do Brasil de 1995/96.

Mato Grosso, 6,5% no Mato Grosso do Sul e 3% em Goiás. A área cultivada entre 100 ha e 1.000 ha representava entre 22% (Mato Grosso) e 45% (Goiás). A área cultivada por produtores cuja propriedade possuía mais de 1.000 ha representava 64% no caso do Mato Grosso, 42% no Mato Grosso do Sul e 50% em Goiás.

Observa-se, assim, que os produtores do Centro-Oeste (principalmente no caso do Mato Grosso) ocupavam áreas bem maiores do que da Região Sul, o que acontece ainda hoje, com mais intensidade. Essa observação permite inferir que a grande expansão da soja no centro-oeste se realizou e está se realizando com base em cultivos extensivos, aproveitando economias de escala, enquanto que no sul houve e está havendo uma tendência de aumento da área das propriedades produtoras de soja, pois a produção de grãos não se sustenta mais em pequenas propriedades que procuram fazer dessa atividade a sua principal fonte de receita.

Para se ter uma idéia da tendência da produção de soja quanto aos parâmetros analisados, procura-se compará-los com os dados do

Censo Agropecuário de 1985. Os dados indicam que de 1985 a 1996 houve diminuição de 177.206 estabelecimentos que produziam soja. Naturalmente a maior parte desses estabelecimentos possuía pequenas áreas. Por exemplo, as propriedades de áreas abaixo de 100 ha diminuíram, nesse período, em 13,50%. As áreas, na faixa de 100 ha a 1000 ha permaneceram no mesmo percentual, em torno de 40%. No entanto, as áreas acima de 1000 ha passaram de 18% para 30%. Na verdade, a grande produção de soja nos anos 90 estava concentrada em propriedades cuja área estava acima de 200 ha (65%) e a tendência é dessa produção se concentrar cada vez mais em propriedades acima dos 500 ha.

Embora o último censo agropecuário no Brasil tenha sido realizado em 1995/96, no caso específico da soja, a tendência do aumento da área cultivada por unidade produtiva vem sendo mantida, principalmente nas áreas de fronteira agrícola. No entanto, as produtividades médias são hoje substancialmente maiores que as constatadas no último censo, dado ao avanço tecnológico na produção dessa oleaginosa nas regiões tropicais.

Gestão empresarial da grande propriedade

Necessariamente, quando falamos da grande propriedade, temos que falar do novo modelo de empresa agrícola que tem se disseminado por todo o Brasil, que faz uso de todos os recursos da administração moderna, além de cumprir sua função social e respeitar a legislação.

A eficiência administrativa é ferramenta indispensável para a sobrevivência em mercados globalizados como a agricultura. Temos assustado o mundo com nosso novo modelo de administração, conquistando produtividade e mercados nunca antes imaginados. Cada vez mais as barreiras comerciais, sanitárias, ambientais e sociais têm sido colocadas com o propósito de inibir o avanço nestes mercados.

Se fizermos um paralelo com outras atividades econômicas expostas à mesma realidade da agricultura, veremos a escala de produção como condição fundamental para manutenção dessa competitividade. Temos diversos exemplos de empresas nacionais que cresceram e conquistaram uma posição de destaque inclusive no exterior, sendo motivo de orgulho nacional. Podemos citar como exemplo a EMBRAER, Vale do Rio Doce, GERDAL, Votorantim entre outras.

O surgimento da grande empresa agrícola vem dentro de um contexto onde crescimento, tecnologia e profissionalização são condições essenciais à sua sobrevivência. Nesse modelo, a Grande Propriedade é o ícone, mas somam-se a ela as pequenas e médias propriedades com administração profissional, que juntas têm proporcionado ótimos resultados ao agronegócio brasileiro.

O efeito multiplicador da adoção dessa gestão profissional no agronegócio é sentido pela sociedade como um todo: a geração de empregos diretos e indiretos; aumento da renda com a conseqüente fixação do homem ao campo; maior superávit comercial; aumento da arrecadação de impostos; implementação da ocupação de áreas de fronteira de "soberania nacional"; além da geração de novas tecnologias, fruto do apoio dado pelo setor às pesquisas pública e privada.

Os primeiros resultados deste novo modelo já começam a aparecer. Dados recentes do IBGE (Soares, 2006) confirmam que na zona rural a pobreza caiu de 52,7% em 1992 para 35,4% em 2004, enquanto, no geral, saímos de 44,3% em 1992 para 38,7% em 2004. Pela primeira vez na história, a pobreza é menor no campo do que na cidade, resultado esse que coincide com a disseminação dessa nova forma de trabalho no campo e com uma política de incentivo à exportação que durou até 2002.

Ações que visam à melhoria do processo de gestão

As empresas agrícolas têm se aprofundado, nos últimos anos, na questão da melhoria do processo de gestão. Com os investimentos em tecnologia e modernização da administração, passaram a agregar valor e crescer, demandando cada vez mais mão de obra qualificada. Como conseqüência, a grande empresa agrícola tem realizado investimentos significativos na contratação e no treinamento de pessoal técnico (engenheiros agrônomos e técnicos agrícolas), visando o aumento da produtividade, redução dos custos de produção e a obtenção de melhores retornos econômicos. Além disso, tem investido na qualificação de seus funcionários.

Diversas empresas têm investido na implementação e aperfeiçoamento dos seus departamentos de recursos humanos, que, além da preocupação com as questões trabalhistas, objetivam também o desenvolvimento profissional e pessoal do trabalhador. Cursos têm sido oferecidos aos seus funcionários e familiares, envolvendo a utilização correta dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), linguagem de programação para desenvolvimento de software, chefia e liderança, importância da boa relação com o meio ambiente, cuidados com a higiene pessoal, coleta seletiva de lixo, reciclagem de embalagens de agrotóxicos, entre outros. Essas ações têm resultado em melhores condições de trabalho, redução nos acidentes de trabalho, além de melhorias das condições ambientais, preservando o ecossistema.

Pesquisa e desenvolvimento tecnológico

Países desenvolvidos têm investido pelo menos 1,5% do PIB em pesquisa e desenvolvimento. O resultado desse investimento tem sido evidenciado em diversos países, como é o caso da Coréia, que nos últimos 15 anos tem investido 2,5% do PIB em pesquisa. Infelizmente, nos países em desenvolvimento, inclusive no Brasil, 0,5% ou menos do PIB tem sido aplicado nesse setor. Uma vez que o montante desses recursos está bem aquém do necessário para que um bom nível tecnológico venha a ser atingido, o setor privado do agronegócio brasileiro, principalmente o grande produtor, tem investido montantes expressivos nesse setor, investimento esse que tem aumentado ano a ano.

Diversas fundações de pesquisa foram criadas com o apoio dos grandes produtores, fundações essas que têm desenvolvido tecnologias e lançado novas e mais produtivas cultivares de soja. A Fundação Mato Grosso, da qual a Sementes Adriana tem o orgulho de fazer parte, é um exemplo pioneiro e de sucesso dentre as diversas fundações criadas.

Além desse tipo de iniciativa, diversas grandes empresas têm investido na pesquisa agropecuária em parceria com instituições públicas e privadas. Especificamente, a Sementes Adriana hoje tem um quadro de pesquisadores diretamente envolvidos com a geração de tecnologias, que vem sendo aplicadas em seus

sistemas de produção e análise de sementes. Muitos desses trabalhos são realizados em conjunto com outras instituições, como a Bonamigo Melhoramentos, Embrapa Soja, Fundação MT, Jumil e SNP Consultoria. Com diversas universidades, temos também colaborado na realização de trabalhos de pesquisa que fazem parte de programas de pós-graduação, a nível de mestrado e doutorado. Podemos citar os exemplos mais recentes de parcerias com as seguintes universidades: UFMT, UFLA, FESURV, Universidade de Nebraska, Universidade da Geórgia e Universidade de Hohenhein. Esses trabalhos têm proporcionado a capacidade de desenvolvimento de produtos e tecnologias inéditos, que muito têm colaborado para a produção de sementes de soja de elevada qualidade em condições de clima tropical.

Em suma, a adoção de novas tecnologias, que foram desenvolvidas com o apoio da grande propriedade em parceria com instituições públicas e privadas, tem proporcionado um aumento da produtividade e a incorporação de áreas degradadas ao sistema produtivo, diminuindo a necessidade de desmatamento. Um exemplo concreto que exemplifica a adoção dessas novas tecnologias está no fato de que, no Brasil, a área plantada com culturas produtoras de grãos, no período de 1991 a 2004, teve um incremento de apenas 27,77%, e a produção praticamente dobrou, com um incremento de 94,29% (Figura 1).

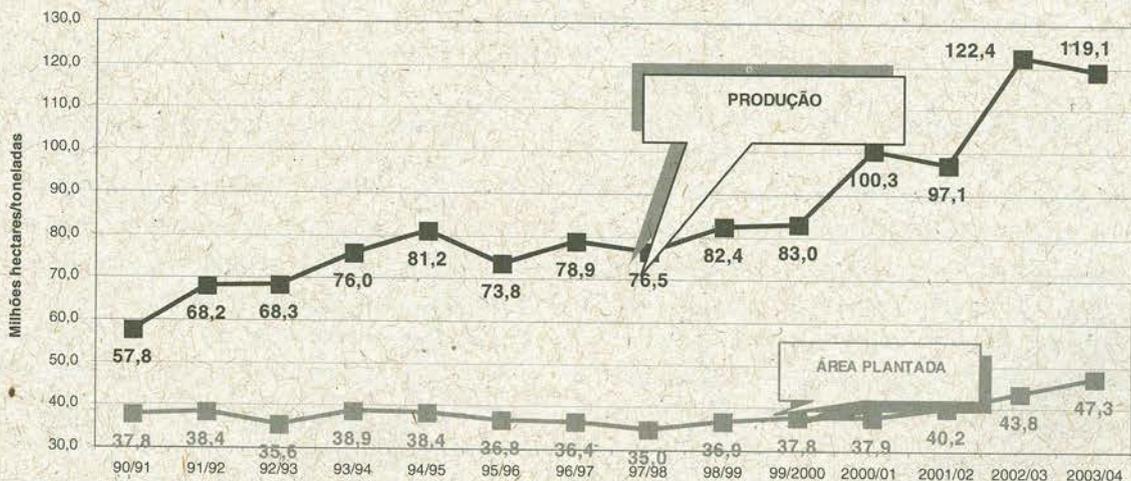


Figura 1. Evolução da área plantada e da produção de grãos no Brasil da safra 1990/91 à 2003/04. (Fonte: Conab - 2º levantamento de safra 2004-2005 - dezembro/2004).

Empregos gerados pelas grandes propriedades

Os postos de trabalho criados pelas grandes propriedades, principalmente as produtoras de soja, são em grande parte indiretos. Dentre as atividades agrícolas, a única que cria menos empregos diretos que a soja é a pecuária, como mostra o estudo de Sachs (2004) (Tabela 3).

De acordo com as informações da Tabela 3, juntando os dados do censo agropecuário de 1996, chega-se à conclusão que cerca de 35% da área de soja no Brasil é constituída de grandes propriedades (acima de 1000 ha). Sabendo-se que cada 100 ha geram dois postos de trabalho diretos, considerando a área de soja no Brasil de 22 milhões de ha, chega-se a 154.000 postos de trabalho diretos criados pela grande propriedade produtora de soja.

No entanto, a título de exemplo, e de acordo com o relatório do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), um investimento de R\$ 1 milhão na agropecuária cria 182 vagas no mercado de trabalho do agronegócio. Considerando 35% da área de soja no Brasil pertencente a grandes propriedades, chega-se a 7,7 milhões de ha, que com uma produtividade de 2,8 t/ha, resulta em 21,56 milhões de t de soja. Tomando como base o preço histórico da soja, de R\$440,00/t, o montante chega a R\$9,5 bilhões. Esse valor deve gerar

cerca de 1.729.000 empregos em toda a cadeia produtiva da soja. Esse número reflete aproximadamente a quantidade de postos de trabalho gerados pela grande propriedade produtora de soja no Brasil.

A conclusão é que o fortalecimento do agronegócio no Brasil tem proporcionado desenvolvimento pessoal e profissional, além do aumento da disponibilidade de novas vagas e melhor remuneração. Esta é uma das grandes contribuições que a empresa agrícola de grande porte pode dar ao agronegócio e à sociedade brasileira.

A contribuição do agronegócio na balança comercial brasileira

A seguir serão ilustradas informações importantes em relação ao agronegócio brasileiro. Deve-se destacar que a somatória desses resultados deveu-se ao empenho dos grandes, médios e pequenos produtores.

A contribuição para a estabilização da economia e para o sucesso da política econômica veio em 2005 através do superávit de 85,7%. Sozinho o agronegócio foi responsável por quase a totalidade do resultado positivo da balança comercial (Figura 2). Além disso, em 2004, o PIB agropecuário do país representou 30% do PIB total do Brasil, ou seja, R\$ 534 bilhões de um total de R\$ 1,776 trilhões (Figura 3).

Tabela 3. Empregos diretos nas principais atividades agropecuárias, em equivalente homem/ano, para cada 100 hectares, no ano de 2000.

Atividade	Nº de empregos	Atividade	Nº de empregos
Tomate envarado	245	Caju	23
Uva	113	Laranja	16
Fumo	70	Arroz	16
Abacaxi	61	Coco da Bahia	14
Cebola	52	Feijão	11
Café	49	Cana-de-açúcar	10
Mandioca	38	Milho	8
Cacau	37	Soja	2
Batata	29	Pecuária de corte	0,24
Algodão herbáceo	24	Grãos (12)	7
Mamona	24	Média de 36 culturas	12

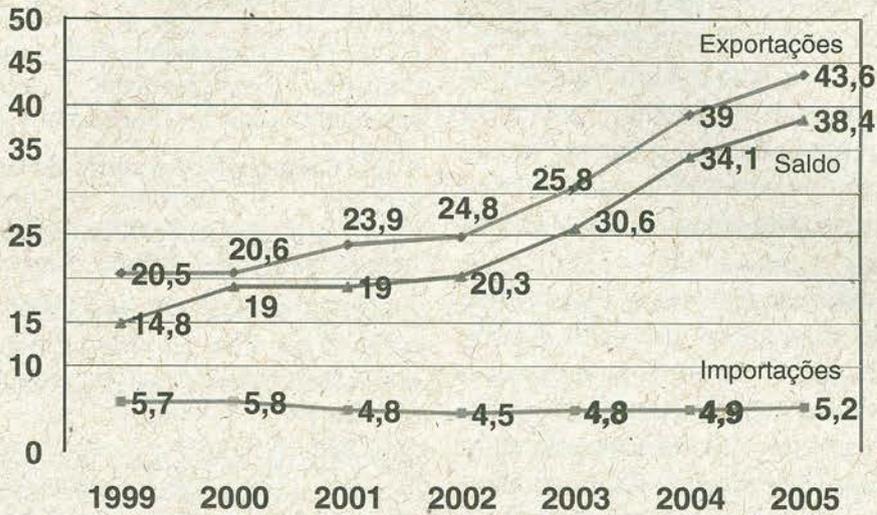


Figura 2. Balança comercial do agronegócio brasileiro (US\$ bilhões).

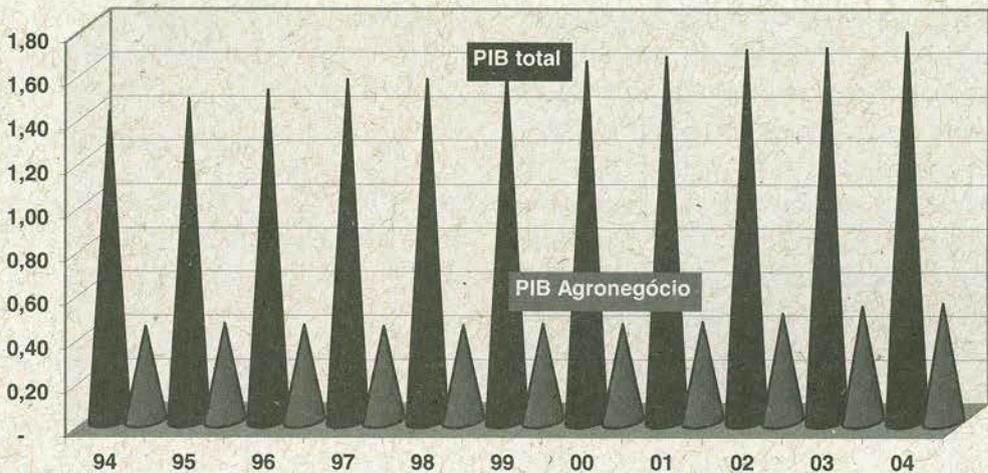


Figura 3. Valor do PIB do agronegócio brasileiro em relação ao PIB total no período 1994 a 2004 (trilhões de reais).

Criticismo ao agronegócio brasileiro

Apesar de todos estes benefícios proporcionados pelo agronegócio à sociedade como um todo, as críticas por parte de alguns partidos de esquerda e ONGs nacionais e internacionais, têm se avolumado. As questões ambientais e trabalhistas têm sido colocadas como um ponto fraco da atividade agropecuária nacional. Essa generalização tem causado um grave dano à imagem de nosso país no exterior e tem servido aos interesses de nossos adversários comerciais.

Não podemos virar as costas a estas críticas, mesmo porque, parte delas é verdadeira. Neste sentido, algumas atitudes, como a dos cotonicultores associados da AMPA (Associação Mato-grossense de Produtores de Algodão) no Mato Grosso, têm surtido efeito. A Associação deu início a um projeto denominado Instituto Algodão Social, que através de uma auditoria nas fazendas, levanta as questões duvidosas, que são colocadas num relatório entregue ao proprietário. Com base nesse relatório, são tomadas atitudes que visam a regularização dos problemas, conforme preconizado na legislação vigente.

O agroempresário profissional sabe da importância da adequação de sua empresa a essas exigências, até mesmo por uma questão de sobrevivência. Já está em marcha a grande virada, onde, em pouco tempo, o campo vai superar estas questões e se tornar exemplo positivo para outros setores privados e públicos da sociedade.

A grande empresa agrícola é agente ativo nesta virada do agronegócio brasileiro. A velocidade de adaptação é seu ponto forte e a assimilação das novas exigências legais será mais um passo para mostrar que este modelo cumpre sua função social, trazendo renda ao campo e promovendo a inclusão social através do trabalho.

Referências

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. Disponível em <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em dez. 2005.

IBGE. **Censo agropecuário do Brasil de 1995-1996**. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/agric/default.asp>>. Acesso em 02 fev. 2006.

SACHS, I. **Redescoberta e invenção do Brasil rural**. Disponível em <http://www.cndrs.org.br/documentos/texto_sachs_capitulo_iii.doc>. Acesso em 22 abr. 2004.

SOARES, P. Queda da pobreza é maior no campo que nas metrópolis. **Folha de São Paulo**. Disponível em <<http://www.folha.com.br>>. Acesso em 01 jan. 2006.